

**Universidade Federal Fluminense  
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia  
Curso de Graduação em Sociologia**

**CAMILA GARCIA FINTELMAN**

**MAGÉ NA MARGEM: A JUVENTUDE PERIFÉRICA E SEU  
RELACIONAMENTO COM A POLÍTICA**

Niterói  
2020

**Universidade Federal Fluminense  
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia  
Curso de Graduação em Sociologia**

**CAMILA GARCIA FINTELMAN**

**MAGÉ NA MARGEM: A JUVENTUDE PERIFÉRICA E SEU  
RELACIONAMENTO COM A POLÍTICA**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção de Bacharel Licenciado em Especialidade.

Orientador: **Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Veronica Toste Daflon**

Niterói  
2020

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

F491m Fintelman, Camila Garcia  
Magé na margem: a juventude periférica e seu  
relacionamento com a política / Camila Garcia Fintelman ;  
Veronica Toste Daflon, orientadora. Niterói, 2020.  
40 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Sociologia)-  
Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências  
Humanas e Filosofia, Niterói, 2020.

1. Política. 2. Internet. 3. Sociologia das Redes. 4.  
Produção intelectual. I. Daflon, Veronica Toste,  
orientadora. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de  
Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD -

**CAMILA GARCIA FINTELMAN**

**MAGÉ NA MARGEM: A JUVENTUDE PERIFÉRICA E SEU  
RELACIONAMENTO COM A POLÍTICA**

**BANCA EXAMINADORA**

.....

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Veronica Toste Daflon  
Universidade Federal Fluminense

.....

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Raquel Guilherme de Lima  
Universidade Federal Fluminense

.....

Prof. Dr. Jair de Souza Ramos  
Universidade Federal Fluminense

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que enfrentaram e enfrentarão as dificuldades de permanência na vida acadêmica.

A todas as famílias que, mesmo experimentando realidades tão distintas do ensino superior, incentivam a educação sempre.

A todos os professores que tive ao longo da vida.

A todas as mulheres que, em seu passado de luta e resistência, tornaram possível esta conquista.

## AGRADECIMENTO

Agradeço a minha mãe, meu pai, meus irmãos e sobrinhos por me apoiarem em todos os aspectos possíveis nesta jornada difícil e distante de casa.

Aos meus amigos que me incentivaram e acreditaram em mim.

À minha orientadora Veronica, por toda a paciência, didática e competência. À Joana D'Arc, orientadora de pesquisa e professora exímia.

Aos meus primeiros colegas de república, que acompanharam todo o meu processo de inserção na vida universitária Rômulo, Gabriela, Mayara, Mariana Romão, Guilherme e Igor.

Aos amigos que adquiri durante a graduação Laila, Ana Luise, Fabiane, Livia, Luiza, Carol Burry, Rafaela, Rafael Maynard, Rafael Joia, Millena, Manu, Fernanda Gonzalez, Carol Dias, Tiago, Julya, Wesley e Matheus.

Às maravilhosas mulheres da casa das 24: Neide, Aline, Amanda Mendes, Ananda, Alessia, Christaine, Clara, Carol Berling, Carol Domingues, Elisa, Fefanjos, Juliana Alvernaz, Luana, Maria Clara, Mariana GS, Mariana Portugal, Mylena, Mirene, Paula, Rainha, Raquel, Sula, Thayna, Tuanny e Villiam.

Aos que contribuíram para o andamento desta pesquisa, em especial Herivelton e Marcelle, grandes amigos e parceiros de ideias. A Jack, Helena, Isabella, Yasmim, Milena, Delaunay, Gisele, Regina, Zino, Bibi, Andressa, Bárbara e tantas outras pessoas que me acompanharam neste processo e tanto contribuíram para eu chegar até aqui.

Eternamente grata.

## EPÍGRAFE

“Tem uma multidão que não está aqui que precisa ser conquistada.”  
Mano Brown

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo observar as formas como uma juventude periférica, residente em Magé, Rio de Janeiro, experimenta a política nas redes sociais, considerando a sua distância física em relação aos seus principais pólos emissores: as instituições de Ensino Superior, os movimentos sociais e partidos políticos. Para a pesquisa, foram realizadas observações e entrevistas semiestruturadas com jovens de Magé, região da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, visando analisar a recepção de mensagens políticas por pessoas de classes populares. O trabalho dialoga com uma literatura que aponta que as redes sociais digitais produzem uma falsa horizontalidade entre os usuários. Os achados apontam que, dado o distanciamento físico e a falta de redes dos jovens das classes baixas com pessoas universitárias e de esquerda, essas pessoas não possuem os códigos e molduras que se tornaram pré-requisito para entender as mensagens políticas de esquerda, o que provoca consequências culturais e políticas. O trabalho conclui apontando para a necessidade de que, dado o atual contexto político, a esquerda e os movimentos progressistas adotem uma postura mais didática com relação às classes populares.

Palavras-chave: Juventude, Política, Internet, Rede Social, Guerra Cultural.



## **ABSTRACT**

This work aims to observe the ways in which a peripheral youth, residing in Magé, Rio de Janeiro, experiences politics in digital social networks, considering their physical distance in relation to their main actors: Higher Education institutions, social movements and political parties. The research carried out observations and semistructured interviews with young people from Magé, in the Baixada Fluminense region of Rio de Janeiro, aiming to analyze the reception of political messages by people from popular classes. The work dialogues with a literature that points out that digital social networks produce a false horizontality among users. The findings indicate that, given the physical distance and the lack of networks of young people from the lower classes with university and left-wing people, these people do not have the codes and frames that have become a prerequisite for understanding the political messages of the left, which causes cultural and political consequences. The work concludes by pointing out the need that, given the current political context, the left and progressive movements adopt a more didactic posture in relation to the popular classes.

Key words: youth, politics, internet, web, social media, cultural war.

**SUMÁRIO**

INTRODUÇÃO .....	11
OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA .....	16
METODOLOGIA.....	18
ANÁLISE DE ENTREVISTAS E OBSERVAÇÕES.....	20
Política, um assunto difícil .....	21
Política, um assunto “pesado” .....	25
“Bandido bom é bandido morto” .....	26
Polícia para quem precisa .....	28
Os “extremismos”, no plural .....	30
“Esquerda lacração” .....	32
Os políticos e seus “seguidores” .....	34
Os “bolsominions“ .....	35
CONCLUSÃO.....	37
REFERÊNCIAS.....	38

## INTRODUÇÃO

Repetida no passado como um mantra, a frase “futebol, política e religião não se discutem” tem se tornado cada vez mais inadequada para descrever o cotidiano do brasileiro. Hoje há ocasiões em que se discute política e religião até mais que futebol. Curiosamente, ao sair com amigos em um domingo de oitavas de final da Copa do Mundo de Futebol Feminino em junho de 2019, percebi que discutimos sobre praticamente tudo, exceto sobre o jogo que passava na TV: falamos de questões pessoais, lançamentos de séries e filmes, planos para o próximo ano e, principalmente, sobre decepções e expectativas a respeito do futuro político da nossa sociedade. Ainda que aquele fosse um dia de lazer, pairava sobre a mesa uma certa melancolia, como se aquele encontro fosse uma fuga da realidade, visto que frequentemente éramos lembrados de que estávamos na véspera de uma segunda-feira.

Há poucos anos era praticamente inconcebível pensar que temas como racismo e homofobia seriam discutidos com tanta frequência fora dos espaços dos movimentos sociais. Ou que questões como a sexualidade e o endurecimento penal seriam debatidas tão exaustivamente em fóruns online, transbordando para as mais diversas conversas que se desenrolam na vida cotidiana. Também era difícil imaginar que marcharíamos para tamanha batalha no campo do imaginário político, travando guerras culturais cotidianas marcadas pela polarização política e por disputas ferozes em torno das identidades. Mas, ao que parece, desde as ditas “jornadas de junho” de 2013, o hábito de muitos brasileiros de se manifestarem politicamente apenas nas urnas se tornou mais difícil.

As discussões acerca da desigualdade social e dos direitos das minorias ganharam terreno em espaços como a internet e a mídia. As ideias de “representatividade” e “protagonismo”, por exemplo, estão presentes nos mais diversos veículos de entretenimento. O mesmo pode ser dito a respeito das variadas palavras de ordem que projetam ideais progressistas, como por exemplo a célebre

frase “machistas não passarão”. A tudo isso se opõe uma nova onda conservadora, que estimula o pânico moral em torno de questões de sexualidade e defende o retorno a uma suposta ordem tradicional – propagando seus próprios bordões e identidades e mobilizando medos e preconceitos.

Cientes da minha condição de universitária e do meu interesse em conversar sobre política e sociedade em mesas de bar – foi assim que me descobri interessada pelas Ciências Sociais – meus amigos e vizinhos do município de Magé, onde cresci, costumam me colocar na inevitável posição de alvo de uma série de provocações e de questionamentos. Nessas conversas, observo o quanto eles se sentem inseguros para falar sobre política, assumindo que não entendem do assunto ou se antecipando ao julgamento negativo que temem receber. Isso é especialmente curioso porque, ao longo das conversas, essas mesmas pessoas fazem com frequência apontamentos muito inteligentes e perspicazes.

Na posição de estudante de Sociologia na Universidade Federal Fluminense, vivo entre dois mundos diferentes: em um deles, convivo diariamente com mestrandas e graduandas de várias áreas; no outro, em que passo datas festivas e feriados, interajo com amigos e familiares que nunca pisaram numa universidade. Essa é uma posição que gera atritos e eu me vejo frequentemente caindo em armadilhas que eu mesma crio enquanto tento conviver de maneira harmônica com essas duas realidades.

O conflito parece vir de duas fontes diferentes, mas relacionadas. Por um lado, desenvolvi na universidade um grande estranhamento com relação ao mundo de onde venho. O que antes parecia dado e natural, principalmente no que toca as relações de gênero, raça e classe, hoje me desperta várias inquietações e incômodos. Por outro lado, a nova linguagem e as referências que adquiri na universidade e nos espaços virtuais que passei a frequentar raramente me ajudam a me comunicar e dialogar com meus amigos e vizinhos. Estranhamente, meu novo “estoque de conhecimentos à mão” (SCHUTZ, 1979) não encontra muitos pontos de entrada e de conexão com o antigo. Meu novo olhar não se alinha ou encaixa com o anterior.

O acesso de alunos de classe baixa ao ensino superior em universidades públicas fez surgir uma nova configuração de jovens como eu, que ascendem do ponto de vista cultural, mas não necessariamente do ponto de vista econômico. Assim, transitam entre sua realidade originária e novas formas de produzir

pensamento crítico que frequentemente entram em conflito. Tanto a linguagem que falamos na universidade como aquela que circula nas redes sociais parecem hoje inacessíveis para as pessoas que não experimentaram o Ensino Superior. Na minha opinião, isso as coloca na condição irônica de ser uma classe sobre quem se fala, mas que não pode falar de si, sob o risco de “errar”.

Refletir sobre essas questões foi o que me trouxe a esse projeto. Será a minha dificuldade de transitar entre dois mundos e duas linguagens um problema exclusivamente meu? Ou será que isso reflete um problema mais geral de comunicação e de tradução entre linguagens e realidades? E, considerando que boa parte da linguagem política contemporânea possui as marcas de uma origem de classe média e alta e de nível sociocultural universitário, será que essas marcas afetam a sua recepção pelas classes populares? E se afetam, como isso acontece?

Estamos mais integrados a uma ordem global do que nunca: redes sociais virtuais nos conectam entre vastas distâncias e todos os dias novas comunidades são construídas em torno de assuntos e interesses que ultrapassam nossos territórios e conexões físicas. Essas redes tendem a produzir uma certa ilusão de igualdade e de horizontalidade, como se subitamente todas as hierarquias sociais fossem suspensas. E, no entanto, há diferenças profundas nas formas como as pessoas de diferentes territórios e camadas sociais no Brasil se engajam e experimentam essas discussões (SPYER, 2018).

Minha experiência parece me mostrar que, ao contrário do que se costuma supor, é um erro presumir que as mensagens e os discursos proferidos nas redes sociais digitais ou veículos de mídia são transparentes e autoexplicativos. A literatura da sociologia da comunicação pode ajudar a explicar minhas dificuldades: de acordo com John B. Thompson (1998), a multidirecionalidade das mensagens *online* torna a tanto a recepção e como a decodificação de discursos nas redes muito incertas. Muitos dos diálogos e interações entre os sujeitos carecem de contexto para estruturá-los, especialmente quando acontecem entre as pessoas que não possuem conexões físicas entre si. Mesmo que estejam integrados às mesmas plataformas de comunicação, os atores sociais não compartilham os mesmos códigos culturais, repertórios e condições objetivas de vida (SPYER, 2018; PINHEIRO-MACHADO, 2019). Por esse motivo, autores como Juliano Spyer (2018) afirmam que há uma série de dinâmicas sociais que acontecem dentro e fora das redes sociais digitais que só podem ser explicadas por uma ótica sociológica, não individualista e situada.

Ao que me parece, muitos dos discursos políticos em circulação – seja da direita, da esquerda, dos liberais etc. – incorporam em si determinada linguagem e diagnósticos sobre a sociedade que partem de uma determinada posição de enunciação que não é universal e é marcada por classe social. Assim, tenho a impressão de que frequentemente eles falham em contemplar a inevitável flexibilidade do social ou de dar conta da materialidade das relações sociais em que as pessoas estão imersas concretamente. Além disso, acredito que nomeiam determinados problemas sociais de formas que muitas vezes não são apreensíveis justamente pelas pessoas mais afetadas por esses mesmos problemas.

Todas essas inquietações me trouxeram à pesquisa que apresento nesta monografia. Sendo declaradamente feminista e de esquerda, acredito que, não apenas como socióloga, mas também como alguém que busca uma sociedade democrática e livre de desigualdades, devo dar atenção à forma como as pautas levantadas pelos partidos políticos de esquerda e movimentos sociais progressistas são difundidas entre as classes populares.

Certa vez, num dos recessos da universidade em que precisei passar um tempo com minha família, cheguei à conclusão de que minha forma de me comunicar mudou, ganhando novas formas e códigos. Essa nova linguagem não alcançava meus familiares e vizinhos, por exemplo, me permitindo conversar com desenvoltura apenas com outros jovens como eu, inseridos em espaços acadêmicos e em contato com os ideais progressistas dos movimentos sociais. Concluí também que não se tratava apenas do uso de gírias ou referências específicas, mas da própria forma de enquadrar problemas, de selecionar aspectos da realidade, de priorizar certos elementos em detrimento de outros. Em suma, a própria estrutura do meu discurso mudou.

Notei ainda que em algumas das vezes em que voltava à cidade em que passei praticamente toda a minha vida, determinadas mudanças na minha forma de me comunicar como meus amigos já praticamente selavam o resultado na nossa interação. No entanto, observei também que o contexto em que se davam as nossas trocas importava fortemente para o seu resultado: as discussões com meus amigos de adolescência em meios virtuais traziam consequências muito mais negativas do que as interlocuções na mesa do bar.

Assim como aconteceu praticamente com todos os usuários de redes sociais com tendências políticas de esquerda, no decorrer das campanhas eleitorais de

2018 me vi em debates frustrantes e pouco amistosos que, por várias vezes, geravam mais conflito que entendimento. Por esse motivo, rompi laços com algumas pessoas. No entanto, não era possível romper laços ou “bloquear” familiares próximos, como minha mãe e meu irmão, que discordavam das minhas preferências políticas e defendiam o voto no candidato que eu mais discordava e criticava. Diferente de outras relações, com estes eu não poderia romper vínculo por discordar. Conversar era a minha única opção.

Sendo uma das pessoas que residem fora de sua cidade natal para estudar, eu estava com minha família no segundo turno das eleições presidenciais. Diferente dos outros anos, naquele dia havia toda uma tensão no ar. Eu via na internet meus amigos publicando fotos em suas zonas eleitorais carregando livros, como maneira de afirmar que seu voto era esclarecido. Por outro lado, nas ruas da minha cidade eu passava por várias pessoas vestindo a camisa da seleção brasileira de futebol. À noite, quando foi anunciada a vitória de Jair Bolsonaro, pude ouvir fogos de artifício pela vizinhança. Durante todo aquele domingo, vários churrascos aconteciam nas casas dos meus vizinhos. De fato, muitas pessoas comemoraram aquela eleição como uma conquista pessoal.

Considerando minha visão política, comemorar a vitória de um candidato com declarações e práticas tão carregadas de preconceito e palavras de ódio seria um ato de conivência ou ignorância. Ainda assim, eu não me conformava com a ideia de que todos os eleitores e apoiadores do presidente eleito eram cúmplices de todas as suas ideias. Não conseguia ver sentido, obviamente, na ideia de que meus familiares e vizinhos eram necessariamente “fascistas”, como vinham dizendo setores da esquerda. Me parecia mais coerente pensar que, em algum momento, as pessoas se identificavam com falas específicas de Jair Bolsonaro por contemplarem determinadas necessidades, ignorando, portanto, demais falas que poderiam ferir outros valores e ideais de pessoas próximas.

Intuí que acusar esses eleitores associando-os, como frequentemente faz a esquerda, ao nazismo e fascismo, não apenas não os ajudava a refletir sobre os potenciais efeitos do seu voto como também poderia produzir o efeito inverso do esperado, isto é, aproximaria as pessoas de seu candidato – que convenientemente acusava a esquerda de extremista. Em vista de tudo isso, decidi observar como as pessoas ao meu redor recebem os discursos da esquerda e dos movimentos sociais, como interpretam o seu mundo e quais valores e motivos têm as levado a aderir às

pautas e discursos da direita. Foi pensando em como a produção de conhecimento científico pode servir à sociedade no sentido de torná-la mais justa e democrática que resolvi fazer esta monografia.

## **OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA**

Ingressar nas Ciências Sociais foi para mim, embora algo muito desejado, um grande desafio. Sendo de classe baixa e moradora de Magé, um município sem proximidade com a rotina universitária, meu contato com o Ensino Superior sempre foi distante e restrito às imagens da televisão. Da mesma forma, eu sabia pouco sobre os movimentos sociais progressistas e os partidos políticos. A experiência universitária me aproximou de diversos grupos e nessa convivência adquiri uma série de lentes de leitura da realidade e códigos da militância política que, embora facilitassem meu convívio no meio acadêmico, não me ajudavam na comunicação com as pessoas do meu meio fora da universidade. Transitar entre os dois universos me causou uma série de inquietações e preocupações.

No meio universitário, as eleições de 2018, que levaram Jair Bolsonaro à presidência da República, foram interpretadas como o advento de uma grande polarização política estimulada por calorosas discussões nas redes sociais. Várias lideranças progressistas diziam que era necessário combater o fascismo. No entanto, eu não via isso dessa maneira no meu meio social de origem. Na verdade, o diagnóstico da escalada do fascismo no Brasil não me parece descabido ou descolado da realidade, sobretudo se miramos nas classes médias e altas – o que demanda pesquisas e estudos próprios. No entanto, no que se refere às classes populares, comecei a desconfiar que havia mais nuances do que se costuma imaginar. Às vésperas das eleições presidenciais, vários dos meus familiares, vizinhos e amigos pareciam acreditar sinceramente que as coisas haveriam de melhorar com o novo governo. Assim, eu me questionava: seriam meus amigos e familiares apoiadores do fascismo?

Na sociologia, aprendemos que ideias e opiniões existem dentro e fora dos indivíduos, nas suas comunidades e nas suas relações sociais e de poder. Nesse sentido, desejos e crenças não são simplesmente “características” das pessoas: eles precisam de explicação sociológica. Em anos recentes, tornou-se hábito buscar



raízes psicológicas e individuais para fenômenos como o bolsonarismo, o racismo, o anti-feminismo, a hostilidade contra a universidade etc. No entanto, autores clássicos da sociologia como Émile Durkheim (2018) insistiram que reduzir fenômenos sociais ao nível individual é um erro metodológico. Em *As regras do método sociológico*, Durkheim afirma que quando um fato social é reduzido a um fato individual, a explicação deve ser falsa. Uma leitura muito dura dessa afirmação de Durkheim pode acabar sendo muito determinista e retirar das pessoas a capacidade de ação e escolha dentro de uma estrutura social. No entanto, Durkheim chama atenção para algo que me parece muito importante: a necessidade de olhar para as condições sociais da formação de crenças e de correntes de opinião e para as formas como as pessoas constroem sentido sobre o mundo a partir da sua localização social específica.

Passadas as eleições e empossado o novo presidente, naquele domingo de junho de 2019 em que saí com amigos, notei que a discussão sobre assuntos tidos como polêmicos na internet transcorria de maneira muito menos feroz na mesa do bar. Passado o entusiasmo inicial de algumas pessoas, um certo pessimismo já pairava no ar, enquanto falávamos sobre nossos planos para o futuro e, claro, conversávamos sobre política. Fatos recentes como o desmatamento da floresta amazônica e declarações polêmicas do presidente sobre assuntos relacionados ao meio ambiente também parecem estar contribuindo para o crescimento do índice de rejeição do candidato, apontando um número de 38% de reprovação em apenas nove meses de mandato<sup>1</sup> (Datafolha, 2019), e acarretaram protestos típicos dos manifestantes de direita: os panelaços.

Mas não é apenas a direita de classe média que apresenta sinais de descontentamento. Passada toda a inquietação do clima de eleições, a descrença na política toma espaço nas conversas até mesmo com quem apostou na candidatura de Bolsonaro. “Foi uma falsa ilusão de que ser radical iria mudar algo” foi uma das frases que ouvi. Outros desabaços sobre como “a política está completamente corrompida” e “não me sinto representado por nenhum candidato” revelam a insatisfação das pessoas com o cenário atual e a falta de esperança.

Ao comunicar às pessoas que eu desejava iniciar uma pesquisa sobre suas

---

<sup>1</sup> Fonte: Pesquisa Datafolha com 2878 entrevistas realizadas em 175 municípios em todo o país em 20 e 30 de agosto; margem de erro de 2 pontos percentuais para mais ou para menos e nível de confiança de 95%.

opiniões políticas, percebi em alguns dos meus amigos e vizinhos certa insegurança de falar a respeito, sob a justificativa de ser um assunto polêmico que poderia gerar conflitos. Algo naquele silêncio me indicava que eu estava no caminho certo. Quando pedi que esses e outros jovens de Magé, falassem mesmo assim, vários deles compartilharam duas opiniões marcantes que, a meu ver, comunicam com muita clareza o tipo de ruído presente na comunicação política contemporânea: eles mostraram aversão em relação ao que entendem como “discursos extremistas” e expressaram descrença com o cenário político nacional.

Em busca de um método mais sistemático para fazer a pesquisa, resolvi reunir essas observações cotidianas à realização de entrevistas semi-estruturadas em um estudo de caso com moradores de 20 a 30 anos de bairros de classe baixa situados no município de Magé, na Baixada Fluminense. Ao ouvir jovens que não frequentam nem têm ligação com universidades e movimentos políticos, é impossível não perceber o seu desconforto em assumir alguma postura publicamente. Ainda que interessados pela política, o medo de cometer algum deslize ao se posicionar faz com que estes jovens expressem o que pensam com insegurança ou mesmo com que vários deles anunciem enfaticamente não saber nada sobre política. A metodologia escolhida se justifica porque permite acesso às narrativas que as pessoas produzem sobre o mundo. A partir delas, procurarei traçar esquemas, entender como elas se informam e organizam a sua realidade.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa se ocupa da recepção de mensagens políticas por pessoas de classes populares. Busquei inspiração na ideia de “Thick Data”, uma referência do pesquisador Juliano Spyer ao conceito de Clifford Geertz de “Thick Description” (“descrição densa”). Em uma pesquisa realizada no Sul da Bahia, Spyer (2018) estudou a lógica social do uso cotidiano das redes sociais por pessoas de camadas populares e pôs em relevo a importância de estudar as pessoas para além dos espaços virtuais, gerando uma descrição densa dos usos e sentidos em circulação numa comunidade.

Dado o meu contato prolongado com o campo de pesquisa, o trabalho consiste na sistematização de observações sobre situações de interação social em

que se desenrolam discussões políticas e também em 14 entrevistas semi-estruturadas conduzidas no Município de Magé, localizado na Baixada Fluminense, Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Os participantes, que consentiram em revelar sua identidade, são jovens de maioria negra, de baixa renda, desempregados ou empregados em ocupações de baixa remuneração que ainda vivem com os pais e moram no município de Magé, uma cidade com pouco mais de 222.000 habitantes e com rendimentos mensais de 1,7 salários mínimos em 2017 por pessoa (IBGE, 2019).

- Helena, 21 anos, motorista de uber
- Patrick, 22 anos, auxiliar de serviços em fábrica de refrigerante
- Suzane, 28 anos, dona de casa e mãe de três crianças
- Julia, 23, trabalhadora de empresa de instalação de internet
- Jack, 23, trabalhador de estaleiro, mas afastado por lesão
- Lorrayne, 23 anos, proprietária de uma lanchonete
- Herivelton 22, trabalha no bar do pai
- Clarice 22, desempregada
- Luan, de 31 anos, fotógrafo
- Aghata, 18 anos, estudante
- Patrick, 24 anos, repositor em distribuidora de medicamentos
- Gabriel, 22, soldado do Exército
- Carina, 23, vendedora em loja de roupas
- Marcelle, 26, vendedora e artesã

O PIB per capita de Magé situa o município em 86º lugar entre os 92 municípios que compõem o Estado do Rio de Janeiro. A população é majoritariamente jovem e de baixa renda (IBGE, 2019). A cidade possui dois polos CEDERJ e UNOPAR e duas faculdades privadas, mas não possui uma rotina universitária. Como é comum em cidades pequenas ou afastadas, Magé não possui contato regular com movimentos sociais e partidos políticos, que se organizam sob uma lógica essencialmente urbana.

A pesquisa adota uma abordagem interseccional, isto é, é atravessada por questões de classe, raça, gênero e outros recortes. Ao exercitar o ofício de socióloga e pesquisadora, me identifiquei com o método da entrevista em forma de diálogo não somente por estar conduzindo pesquisa em um ambiente com o qual estou familiarizada, mas também por considerar o método de conversa mais eficaz para

estimular o desenvolvimento da escuta, da atenção e da empatia, além de permitir fazer novas perguntas e estimular o aprofundamento de determinados tópicos quando é adequado.

Enxergo a sociologia como uma ciência que proporciona ferramentas poderosas para a intervenção no mundo e a redução das desigualdades. Nesse sentido, aprecio a definição dada por Bernard Lahire (2014) ao método da entrevista, para quem a entrevista sociológica é por si só um exercício democrático (LAHIRE): ao propor escutar o interlocutor a fim de compreendê-lo para além das nossas próprias disposições e ideais, a entrevista permite ao mesmo tempo cultivar os valores essenciais da prática de pesquisa e a atitude democrática da escuta.

## **ANÁLISE DE ENTREVISTAS E OBSERVAÇÕES**

As observações que se seguem baseiam-se em participação em diversos encontros à noite, num bar localizado no bairro de Piabetá frequentado por mim e os pesquisados. Os participantes não possuem ensino superior, desempenham ocupações de baixa remuneração e têm entre 20 e 30 anos. No segundo turno das últimas eleições alguns votaram em Fernando Haddad, outros em Jair Bolsonaro e outros anularam o voto. Ao longo das conversas, falamos sobre diversos temas, como sua proximidade com a política, os movimentos sociais, a esquerda e a direita e suas percepções sobre as interações nas redes sociais. Na segunda etapa da pesquisa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas individuais, seguindo o mesmo critério de seleção e amostra por bola-de-neve, isto é, indicação de outras pessoas pelos indivíduos já entrevistados.

O caso não se pretende estatisticamente “representativo”, isto é, não é generalizável para a população. Contudo, acredito que isso não representa um problema, considerando o objetivo da pesquisa, qual seja, o de examinar como as pessoas recebem mensagens políticas de maneiras que podem variar conforme o contexto e as relações de proximidade ou distância que têm com quem emite essas mensagens. Pretendo também testar a hipótese de que as redes sociais digitais produzem uma falsa horizontalidade entre os usuários e que não é razoável supor que todos têm uma opinião política baseada nas mesmas referências e entendimentos da realidade (BOURDIEU, 1983). Questões de escolaridade, classe

social, território e outras têm, a meu ver, um grande impacto sobre como as pessoas sentem e participam dessas discussões.

### **Política, um assunto difícil**

Uma das primeiras coisas que me chamaram atenção é o quanto os pesquisados se sentem inseguros para falar sobre política, assumindo que não entendem do assunto ou se antecipando ao julgamento negativo que temem receber. Isso é especialmente curioso porque, ao longo das conversas, essas mesmas pessoas fazem com frequência apontamentos muito interessantes. Ao ouvir esses jovens que não frequentam nem têm ligação com universidades e movimentos políticos, é difícil não notar o seu desconforto em assumir alguma postura pública.

Ainda que interessados por temas relacionados à política, o medo de cometer algum deslize ao se posicionar faz com que expressem o que pensam com insegurança ou mesmo com que vários deles anunciem enfaticamente não saber nada sobre o assunto. É possível que essa insegurança resulte em parte da forma como eu sou vista pelos meus entrevistados. Embora conhecida de longa data dos pesquisados, o fato de estar cursando a universidade pode fazer com que eu seja percebida como detentora de determinado saber superior sobre a política:

“[Política] Não era um assunto tratado em sala de aula nem em casa com meus pais, só fui passar a ouvir sobre depois que comecei a sair com uma galera mais ou menos entendida desse assunto” – Herivelton, 22, trabalha de atendente no bar do pai.

“Não tenho acesso e quem está na universidade lutando pelo o que acredita e também [o pessoal] não é muito aberto sobre o que está acontecendo lá dentro. Fica difícil saber... pelo menos falando por mim. Leiga na história toda...” – Lorryne, 23 anos, proprietária de uma lanchonete.

Existe também na lembrança de alguns entrevistados uma época em que algumas figuras populares no Facebook conquistavam muitos compartilhamentos e curtidas expondo declarações de pessoas que apresentavam posição contrária a algum consenso aparentemente “óbvio” em torno de um tema político, especialmente se essa posição era acompanhada de erros ortográficos ou de

informação histórica.

“Não comento nada em redes sociais porque é uma discussão boba, uma infantilidade descomunal. Perdeu-se o respeito à opinião alheia, então prefiro me fazer de ‘João-sem-braço’ para manter as amizades. Na política, você perde amigos, familiares e relacionamentos” – Gabriel, 22 anos, soldado do Exército.

“Não costumo entrar em debates políticos na internet porque as pessoas falam que respeitam as opiniões dos outros mas na verdade elas não respeitam todas, não aceitam outras opiniões e, cá pra nós, isso dá dor de cabeça” – Carina, 23 anos, vendedora em loja de roupas.

Um aspecto importante das redes sociais digitais é que, por consequência da sua própria arquitetura e modelo de negócios, elas incentivam práticas competitivas entre os usuários, que são estimulados por meio de posts, reposts, curtidas e comentários a classificar e dar notas uns aos outros, construindo assim uma espécie de “ranking” social através da quantidade de seguidores e respostas positivas às suas postagens.

Frequentemente as pessoas buscam pela popularidade incentivadas pela própria rede e pelas dinâmicas sociais que ocorrem dentro e fora dela. No entanto, não raro a popularidade pode se traduzir em capital simbólico, político e/ou econômico para alguns indivíduos. Dá exemplo disso a forma como no ambiente digital a figura do “militante” e do “influenciador” se embaralham, o que ganha às vezes expressão na ideia de “representatividade”, hoje em ampla circulação.

A pesquisadora Angela Nagle (2017) descreve como nos Estados Unidos pessoas da esquerda liberal (“liberal left”) começaram a desenvolver uma linguagem e um conjunto de slogans muito interessantes online que tinha por objetivo compartilhar conhecimentos e construir espaços seguros para os mais diversos usuários. No entanto, diz ela, a própria lógica competitiva e individualista que rege as plataformas em que os indivíduos interagem teriam incentivado pessoas dessa mesma esquerda a buscar subir no “ranking virtual” ao mostrar-se cada vez mais progressistas e mais conscientes do que os outros.

Nesse ambiente, afirma Nagle (2017), ser o primeiro a identificar um erro ou deslize de alguém pode elevar o status do indivíduo. Por consequência, aí estaria uma das origens das práticas de condenação e excomunhão e da busca por pureza

e diferenciação que se tornaram comuns nas plataformas digitais. Em muitos aspectos, compartilhar e manipular corretamente os códigos que emergem nesses espaços passa a ser considerado um atributo moral e uma virtude pessoal do indivíduo.

Isso, por sua vez, pode fazer com que as pessoas se esforcem para demonstrar mais e mais domínio sobre as pautas progressistas, como forma de demonstrar o seu próprio valor enquanto indivíduo. No Brasil, esse mesmo fenômeno ganhou o nome de “lacrção” e tem sido descrito por algumas pessoas da esquerda como um problema que interfere na comunicação com as pessoas das classes mais baixas da população:

Não é que as ditas questões identitárias não tenham apelo popular. Acho que o modo como muitas vezes a luta é travada chega à população de um jeito distorcido. É menos a pauta dita identitária que o modo lacrativo de se fazer política. Essa cultura da lacração está atrapalhando não só as pautas identitárias, está atrapalhando geral. Se a gente tiver propostas concretas de políticas públicas voltadas para as mulheres, por exemplo, acho que teria receptividade na população mais pobre e na despolitizada. O problema é como abordar isso. Elas precisam ser abordadas dentro de um trabalho político mais amplo, que não seja só essa disputa de marcação de posição (ROQUE op cit. BETIM, 2019).

A direita norte-americana denominou pejorativamente essa prática de “sinalização de virtude” (*virtue signaling*). No entanto, há quem afirme que essa mesma lógica se aplica à direita, cujos militantes virtuais policiam os discursos alheios a partir dos seus próprios critérios de pureza ideológica e estimulam “cancelamentos” daqueles que julgam como adversários – isto é, práticas de ataque, exclusão e boicote (TOLENTINO, 2019). O desconhecimento dos enquadramentos e códigos compartilhados pela esquerda e a direita pode, portanto, deixar o indivíduo vulnerável à exposição, “escrachos” e “cancelamentos”, práticas muito comuns esses ambientes virtuais, que se tornaram altamente coercitivos.

Na pesquisa, encontrei indícios empíricos de que essas dinâmicas afetam a forma como algumas pessoas se posicionam até mesmo fora do espaço virtual. As redes sociais põem o discurso em relevo, dirigindo muita energia para a sua modificação e policiamento. Se as “guerras culturais” e não são exatamente uma novidade (KELLNER, 2001), a escala que elas assumiram é algo sem precedentes.

Considerando que os jovens costumam passar boa parte do tempo na internet, as redes sociais ocupam o lugar decisivo de disputas de narrativas devido ao seu formato, que estimula o consumo de informação baseado nos interesses do usuário e sua dinâmica de visibilidade por *likes*, colaborando com a polarização e desestimulando a capacidade de entender opiniões contrárias. Um dos efeitos causados por essa disputa de narrativa é a insegurança em manifestar determinadas opiniões, por medo de sofrer exposição, “escrachos” e “cancelamentos”, práticas que se tornaram muito comuns nas redes sociais digitais. Acredito que isso se reflete na forma como algumas pessoas se posicionam dentro e também fora do espaço virtual.

O distanciamento físico e a falta de redes dos jovens pesquisados com pessoas universitárias e de esquerda faz com que não compartilhem do mesmo repertório e os instrumentos para decodificar as mensagens progressistas. Ao longo da observação, por exemplo, em várias ocasiões os pesquisados operaram categorias raciais, sexuais e de gênero como forma de produzir “brincadeiras” e dar “leveza” às interações. Muitas vezes essas “brincadeiras” acontecem entre indivíduos negros e pardos. Tendo isso em vista, o policiamento do discurso pode acabar produzindo de forma não intencional formas de exclusão e colocar esses jovens na condição irônica de ser uma classe sobre quem se fala, mas que não pode falar de si, sob o risco de “errar”.

De forma não intencional, ao querer policiar o discurso e modificar a linguagem em nome da justiça social, números expressivos de pessoas de esquerda podem acabar excluindo precisamente aquelas que se propõem a defender: as pessoas de classe popular, que não dominam os códigos e a linguagem dessa militância e tampouco os instrumentos para decodificá-la. Na minha leitura, o apelo do purismo ideológico é uma consequência dos hábitos de burguesia que os progressistas adquiriram e enfrentam dificuldades em se desvencilhar, gerando cada vez menos identificação com os trabalhadores de classe baixa. Tendo em vista a importância cada vez mais crescente das redes sociais, parece fundamental que as lideranças do campo progressista repensem sua linguagem, sua forma de se comunicar e seu comportamento nessas redes.



### **Política, um assunto “pesado”**

Outra questão que chama atenção entre os pesquisados é que a relutância em discutir política muitas vezes é decorrência do cansaço produzido pelo trabalho. De modo geral, as ocupações dos entrevistados são caracterizadas por longas jornadas e têm muito trabalho físico envolvido. Por esse motivo, a pressão para a diversão fora do horário de trabalho é um fator que desmotiva a discutir e buscar notícias sobre acontecimentos políticos, pois eles são tratados como assuntos “chatos”, divisionistas e estressantes. Muitas vezes, esse é um argumento usado entre os pesquisados para abreviar o assunto:

“Sou do tipo ‘coloca todos os políticos numa sala joga uma bomba’. Na boa, nem ligo se estou certa ou errada, minha vida é muito complicada pra pensar nisso, estou sempre tão cansada que eu queria só dormir por um período bem longo. Já nem sei mais o que estou falando, sério, eu só durmo 4 horas por dia” – Suzane, 28 anos, dona de casa.

“Tudo o que eu quero é aprender o máximo de profissões que eu conseguir pra ter mais chances de não ficar desempregado” – Herivelton, 22 anos.

“Política eu não entendo e nem quero entender, só vejo pela TV mesmo. É importante e necessário, mas quase nunca sai algo bom ou que todos concordem mesmo...” – Patrick, 24 anos, repositor em distribuidora de medicamentos.

Esse cansaço com a política, cuja linguagem possui as marcas de uma origem de classe média e alta e/ou de nível sociocultural universitário, pode ser uma chave para explicar a visão de muitos deles a respeito do que consideram ser uma “esquerda festiva”, pouco objetiva nas suas colocações e, nas palavras de alguns deles, com muito “oba-oba”. Em contraste com o cansaço e a dificuldade de navegar nos códigos da política, a ideia da “esquerda festiva” parece apontar para a percepção de que a política está sendo cada vez mais estilizada, transformada em uma forma de lazer e incorporada à própria identidade de alguns indivíduos das classes mais abastadas. Esses, em contraste com os pesquisados, compreendem os códigos da política com facilidade, constroem identidades em torno de discursos e emblemas e encontram prazer em compartilhar espaços virtuais e não-virtuais marcados por pertencimentos políticos.

“Eu me identifico bastante com as ideias da esquerda, mas não cem por cento. Eu acredito que a esquerda anda muito dividida em alguns quesitos e tem umas coisas que me irritam. Vejo alguns posts sobre empoderamento, etc., mas não sei muito sobre. Queria conseguir entender” – Clarice, 22 anos, desempregada.

“As pessoas têm que participar mais da política e definir o que é prioridade em seu país. Mas acho que isso exige um certo nível de educação, coisa que carece muito ultimamente” – Patrick, 22 anos, auxiliar de serviços em fábrica.

É curioso observar que, ainda se sentindo distantes e enxergando a política como um assunto delicado, polêmico e controverso, que causa estresse e desentendimentos, o espectro da política não abandona as conversas. A política circula nos ambientes descontraídos da vizinhança e da mesa de bar. Essa presença se tornou ainda mais marcada desde as eleições de 2018, que ainda são lembradas como algo presente.

“Eu não tenho proximidade com política, só falo mal do ‘Binosliro’ mesmo” – Julia, 23, trabalha em empresa de instalação de internet.

### **“Bandido bom é bandido morto”**

A baixada fluminense carrega consigo um histórico de baixos índices de desenvolvimento, desemprego e pobreza. Por se tratar de um dos municípios mais distantes da capital dentro da região metropolitana do Rio, Magé possui uma configuração de sociabilidade menos próxima da interação urbana e mais aproximada das dinâmicas típicas de bairros familiares. No entanto, diferente dos bairros marginalizados da capital do estado cujo índices de pobreza também são elevados, sua constituição espacial favorece a criminalidade e o descaso. Em Piabetá, um de seus bairros mais movimentados e com maior concentração de comércios e atividades noturnas, o que se tem visto é um esvaziamento cada vez mais acentuado dos espaços públicos, em decorrência do aumento dos casos de roubos e assaltos. Tudo isso parece contribuir para a ideia de que o recurso à violência é legítimo e eficaz na resolução de problemas.

"Antigamente eu sentia as pessoas muito mais acolhedoras, preocupadas e tudo mais. Agora tudo mudou, as iniciativas e festas são todas na igreja" – Marcelle, 26 anos, artesã.

Dada a mudança repentina das dinâmicas de relações de vizinhança em consequência do aumento das taxas de delitos pouco notificados e combatidos pelas autoridades, muitos manifestam descontentamento e demandam medidas de segurança mais rígidas. A insatisfação com a questão da falta de segurança se mostra evidente nos momentos em que sugestões como o endurecimento das leis penais são apresentadas como melhor ou única solução para o problema.

As propostas de endurecimento das leis penais atendem, em teoria, as demandas da população por segurança e justiça, uma vez que, de acordo com a lógica de que a aplicação de leis mais rigorosas propagaria o medo do encarceramento, e o índice de violência seria reduzido (FOUCAULT, 2005) A crença na punição, por sua vez, foi um dos pilares da campanha presidencial de Jair Bolsonaro, o que contribui para explicar a adesão que ele encontrou em Magé.

Uma das principais retóricas de campanha do até então candidato do PSL Jair Bolsonaro foi o constante ataque aos Direitos Humanos, propagando chavões como “direitos humanos para humanos direitos” como forma de dizer que a esquerda defende pessoas que cometem delitos em prejuízo dos chamados “cidadãos de bem”. Os direitos humanos seriam, nessa visão, um privilégio, um tratamento preferencial concedido a determinados setores e indivíduos em detrimento dos outros.

As campanhas por direitos como bem estar, saúde, e outros direitos básicos dos encarcerados após o fim da ditadura empresarial-militar tiveram suas mensagens e ações deturpadas e deslegitimadas por políticos de direita. O populismo criminológico aliado à falta de políticas públicas de segurança para os mais pobres abre caminho para que a população anseie por punição. É comum sermos seduzidos pelas soluções fáceis e a rigidez punitiva é uma manutenção do *status quo* que não choca os sensíveis enquanto sacia os insensíveis. É de tudo isso que se alimenta a crença popular de que o criminoso não deve ter nenhum direito atendido, pois isso seria um “tratamento privilegiado” (LEMGRUBER; CANO; MUSUMECI, 2017).

Quando discutida com um tom moralizante, a luta pelo abolicionismo penal ou

pela desmilitarização pode soar pretensiosa, parecendo sugerir que a sede de vingança dos que apelam por leis mais rigorosas é “bárbara” e incivilizada. No entanto, ao apresentar argumentos não somente éticos como também práticos sobre os problemas do encarceramento violento e das consequências da severidade penal, a recepção da informação tende a ser processada com um pouco mais de cuidado, como revelam as minhas conversas.

“Penso que prisão tem que ser sofrida mesmo pra pagar pelos crimes, mas também acho que deveria ser pra reabilitar a pessoa, me divido um pouco, punição parece que só tem pra quem não tem dinheiro. Deveriam investir em prevenção de crime não em punir. A violência sempre vai estar presente, com leis rígidas ou não. Já faz parte do ser humano” – Herivelton, 22 anos.

“Não há melhora para uma pessoa que entra na cadeia. Meu irmão foi preso com um cara que foi pego fumando maconha perto da boca onde era gerente e diz que o cara apanhou tanto da polícia, passou por tanto na cadeia, que virou integrante do Comando Vermelho, saiu e morreu duas semanas depois. Ele era só um maconheiro! Punir, para o Estado, é mais fácil do que educar. Nem precisaria de tanto se tivéssemos o básico” – Luan, 31 anos, fotógrafo.

O impiedoso jargão que virou um dos slogans da campanha eleitoral de Bolsonaro “bandido bom é bandido morto”, embora tenha frequentado a boca de muitos cidadãos brasileiros nos últimos anos, se mostra como uma fala que, por muitas vezes, entra em contradição com outras falas produzidas pelos mesmos interlocutores, evidenciando assim a falta de reflexão por trás de seu significado.

### **Polícia para quem precisa**

Com uma jornada exaustiva, má remuneração e condições precárias de trabalho, policiais civis e militares lidam com a sobrecarga de tarefas e a burocratização das aplicações de políticas públicas de modo que favorecem ações cada vez mais violentas e explícitas que, se por um lado visam contribuir para a organização e segurança das regiões em que atuam, por outro enfrentam problemas que evidenciam o contrassenso do militarismo e suas consequências para a população.

"A polícia é mal preparada e mal equipada, mas faz o que pode. Vão trabalhar todo dia pra arriscar a vida e defender uma população que só critica. Não julgo quem critica, entendo que a corporação é corrupta. Mas até os que entram com boas intenções são corrompidos" - Herivelton, 22 anos.

"Leio as notícias e eu fico dividido, acredito que existam policiais bons e ruins, mas também acredito que a maioria seja ruim mesmo, apesar de não ter tido nenhuma experiência negativa pessoal" - Patrick, 24 anos.

Parte do eleitorado de Bolsonaro tem simpatia pela ideia de intervenção militar e defende uma ação policial mais presente. Em contrapartida, a esquerda se posiciona constantemente contra as táticas violentas da força militar, denunciando as ações atroztes em espaços de conflito com o tráfico e bairros marginalizados num geral.

Embora a crítica seja necessária e justa, ao se colocar firmemente contra as ações da polícia militar esbravejando palavras de ordem como "o diabo veste farda", a esquerda corre grandes riscos de afastar potenciais aliados, quando ignora que o corpo militar é constituído por cidadãos sobretudo de classe baixa e negra, compondo parte da classe trabalhadora. A crítica à violência policial não pode eximir o sistema de justiça criminal e tampouco o Estado, que deixa amplas camadas da população à própria sorte e precariza o trabalho do policial.

A ideia de intervenção militar vem ganhando espaço nas disputas de narrativa de conservadores à medida que o campo progressista se coloca contra policiais. Embora seja um tema que vem crescendo dentro dos grupos de esquerda, a desmilitarização da polícia ainda é pouco abordada fora desses espaços. Ao dissociar essencialmente o policial da classe trabalhadora, colocando-o como um algoz do povo, a militância progressista se distancia de uma fração significativa dos que se identificam com o trabalho policial e enxergam na polícia uma solução para o combate a violência.

"As pessoas só focam nos problemas, mas esquecem que PM também tem família, também ama, mesmo sendo o cara que for. Eu não acredito que um PM pai de família deixa sua esposa e seus filhos, sai às vezes três e pouca da manhã pra botar farda, bater ponto, ter que tomar esporro, pra atirar numa criança propositalmente porque ela

é negra“ – Gabriel, 22 anos.

O debate a respeito da proposta de desmilitarização da segurança pública é essencial para o combate do genocídio e racismo institucional que dominam as nossas forças policiais e militares, mas atualmente parece ter um teor sensacionalista, moralista e individualista. Falar dos policiais sem discutir os condicionantes sociais e estruturais da violência que eles cometem e sofrem não parece estimular o pensamento crítico entre as pessoas.

### **Os “extremismos”, no plural**

Quando perguntados sobre o que pensam a respeito da “direita” e “esquerda”, a maioria dos pesquisados afirma não se identificar com nenhum dos dois campos. Essa pergunta costuma suscitar uma mesma resposta: a falta de identificação tanto com a direita como com a esquerda está associada a uma aversão ao que entendem como “discursos extremistas”. Os pesquisados entendem como “extremismos” tanto bordões feministas como “todo homem é um estuprador em potencial” como os discursos de proibição de casamentos homoafetivos defendidos por políticos de direita – o endurecimento penal defendido por esse campo, no entanto, dificilmente é citado como extremo.

É importante destacar que as ideias de “extremismos” e “polarização” se tornaram um enquadramento midiático bastante comum da política desde meados de 2018, quando a meteórica ascensão de Jair Bolsonaro nas eleições indicou uma disputa entre ele e o candidato do PT, Lula da Silva, num provável segundo turno. Desde a vitória de Bolsonaro, os veículos de comunicação de massa continuam enquadrando o campo político da esquerda como um oposto simétrico da direita. Esse enquadramento provavelmente influencia a forma como os jovens enxergam a política hoje.

“Vemos aí tanta desigualdade por conta do capitalismo e o Estado sendo tão desigual e vulnerável financeiramente. E a esquerda também tem tido muito autoritarismo, é a consequência de um povo doutrinado e limitado à moral de seu país. Mas tem um grande problema nesses meios, parece que cada um quer defender só a própria causa e por vezes de forma extremista atacando crenças ou

peças que não concordem com elas. Acho que além de impor sua visibilidade ao mundo esses movimentos deveriam mostrar o quão podem ser benéficos às pessoas e assim conseguirão acima de tudo, respeito” – Patrick, 22 anos.

No entanto, também é possível sugerir que a ideia de “extremismos”, no plural, pode estar associada ao fato de que aqueles que se sentem fora da conversa esquerda-direita, não dominam seus códigos e veem os dois campos como igualmente radicais.

”Não conheço a política de esquerda nem de direita, mas como tudo na vida acredito que tem seus lados bons e ruins, temos que tomar cuidados com os extremos e fechar a cabeça para algo que pode ser novo e trazer resultados bons” – Helena, 21 anos, motorista de uber.

Além disso, em virtude da sua própria estrutura e funcionamento, as redes sociais digitais frequentemente exacerbam as divergências, o individualismo e determinadas visões binárias e fixas das identidades (HAN, 2018). As batalhas campais que dilaceram tanto o campo da esquerda como o da direita nas redes sociais podem ser percebidas pelos pesquisados como formas de “extremismo”.

Um dos pesquisados, por exemplo, mencionou um episódio de ampla repercussão: ao postar uma foto no Twitter em cima de um touro mecânico, a influenciadora e gamer Gabi Cattuzzo, recebeu o comentário de um seguidor “você pode montar em mim à vontade”. Irritada, ela comentou “É por isso que homem é lixo”. O tweet teve muitos compartilhamentos e a autora chegou a receber ameaças de morte.

Ao ser associada ao feminismo e compartilhar um bordão comum nesse campo, ela teve seu discurso interpretado como uma espécie de “sexismo às avessas” por diversas pessoas que estão fora do campo discursivo do feminismo. Sua frase foi lida como um discurso de ódio simétrico ao que ela buscava denunciar. Muitas pessoas saíram em sua defesa, contextualizando sua fala e explicando que as mulheres são constantemente assediadas e desrespeitadas no universo dos jogos. No entanto, os comentários que mais geraram repercussão foram os de mulheres que apoiavam a fala inicial de Gabi Cattuzzo.

O ocorrido chama atenção para um tipo de recepção comum de determinados discursos por um público que não está habituado aos códigos, linguagem e enquadramento da realidade dos debates políticos traduzidos para as redes sociais.

Além disso, mostra que nesses ambientes qualquer pessoa pode ser vista, por quem não tem proximidade com um determinado campo ideológico ou movimento, como representante de todo um movimento social – como o feminismo, por exemplo. Na falta de informação sobre como um partido, movimento etc se estrutura, quem são as lideranças e quem é autorizado a falar por quem, qualquer discurso pode ser tomado como representativo de um “todo”.

### **“Esquerda lacração”**

As redes sociais proporcionaram a políticos a oportunidade de manter canais de diálogo constante, ainda que assimétrico, com eleitores e simpatizantes. Muitos políticos têm se valido dessas redes para compartilhar opiniões, agendas e comentar os fatos do dia a fim de manter o interesse e engajamento do eleitorado. Embora possam popularizar a política, acredito que essas práticas são muito ambivalentes. Isso porque as redes sociais tendem a embaralhar as figuras do político, do ativista e do “influenciador digital”, produzindo uma constante confusão entre o público e o privado e, frequentemente, colocando a emoção acima da razão e lógica argumentativa.

A política pode dar prazer e até entreter, mas a sua captura pelas redes sociais digitais tende a incentivar aquelas mesmas práticas descritas por Angela Nagle (2017): políticos, ativistas e figuras públicas diversas se movem no campo das redes sociais pressionados pela mesma arquitetura de “ranking social”, de disputa por popularidade e sinalização de virtude. Discussões sobre direitos, políticas públicas e mudanças institucionais cedem lugar a debates superficiais e improdutivos sobre correntes teóricas do socialismo, celebridades, produtos da indústria cultural, moralidades, condutas individuais e a vida privada de personalidades.

A política é o caminho para mudanças efetivas e concretas da sociedade. Logo, quando é usada para fins puramente recreativos, pode perder seu potencial transformador e hipnotizar as pessoas com discussões irrelevantes. Quando a política se torna uma partida de futebol, com times adversários e emoções à flor da pele, fica difícil exercer a cidadania e exercitar o pensamento crítico.

Uma característica da esquerda pejorativamente chamada de “identitária” ou



“lacradora” é a preocupação excessiva com o policiamento da linguagem e da moral e com os produtos culturais, isto é, o distanciamento com relação a demandas materiais e concretas das pessoas. Na prática, a política como forma de entretenimento ignora demandas de uma comunidade, dinamita pontes e possíveis alianças e se exime de apresentar resultados.

Sendo assim, ao apresentar propostas que atendem a necessidades de uma comunidade – mesmo que muitas vezes com soluções simplistas e enganosas –, a direita parece ganhar espaço e poder. Enquanto isso, embora continuem existindo movimentos sociais importantes e políticos de esquerda que realizam trabalho sério, muitas figuras de esquerda estão mais preocupadas com discussões sobre princípios e disputas de narrativa, colocando o exercício intelectual acima do trabalho de organização e proposição de mudanças concretas.

Capturados para o interior das redes sociais digitais, os movimentos sociais também enfrentam dificuldades. Se dentro das instituições, movimentos e organizações é necessário fazer alianças, produzir consensos e conquistar confiança para se atingir um lugar de liderança, nas redes sociais é possível apresentar-se como “protagonista” ou porta-voz legítimo de uma causa sem, necessariamente, possuir nenhuma relação ou compromisso efetivo com ela.

É comum nos dias de hoje figuras públicas se apropriarem de discursos de movimentos de modo a se tornar verdadeiro rosto de uma causa política. Essa espetacularização e individualização da política traz graves consequências para a sociedade, que precisam ser consideradas urgentemente por movimentos progressistas. Isso porque a representação de um movimento social inteiro, com sua imensa diversidade e dissensos internos, na figura de um único indivíduo traz, potencialmente, uma série de problemas.

Um dos mais evidentes é que a colaboração cede espaço à competição e às aventuras individuais. Outro problema, que pude constatar conversando com meus pesquisados, é a forma como a direita explora a fragilidade dessa representação para deslegitimar movimentos e causas políticas inteiras, apontando as incoerências individuais e os detalhes mais desabonadores das vidas privadas das “faces” dos movimentos progressistas. Com o grande investimento que hoje se faz no policiamento de comportamentos individuais, nas moralidades e discursos, em detrimento de políticas públicas, é fácil demonstrar que indivíduos são incoerentes e que, na sua vida pessoal, não seguem a cartilha dos identitarismos – porque são

humanos, afinal.

"A esquerda traz, em sua maioria, ótimas propostas para o povo, a massa, mas ela tem sido muito de oba-oba, festiva, e isso, infelizmente, põe as lutas de quem leva realmente a sério no chão. Me refiro aos políticos e aos seguidores" – Luan, 31 anos.

Ao perceber o avanço da direita política nas eleições de 2018, diversos artistas e celebridades se articularam para construir um movimento chamado vira-voto, numa tentativa desesperada de alertar a população sobre os infortúnios de eleger um candidato de extrema-direita. No entanto, os diversos setores da sociedade que se aliaram a fim de evitar a vitória de Jair Bolsonaro já haviam ignorado por tempo demais o que a população vinha dizendo. A maior preocupação era converter eleitores em vez de escutá-los e entendê-los.

"A gente tem que entender que a mente de algumas pessoas é mais rígida do que de outras. Então não adianta tentar pregar algumas coisas em suas cabeças pois não vai entrar. É questão de individualidade também, com cada pessoa você tem que tratar o assunto de uma forma diferente. Cada pessoa tem sua forma de interpretar o mundo de acordo com seus valores. Temos que entendê-los e retrabalhá-los. A forma que falamos sobre algo é a chave pro problema" – Patrick, 22 anos.

Ao nos abstermos da seriedade e responsabilidade de nos envolver com uma organização política e uma comunidade, de dialogar e construir pontes e solidariedade, torna-se tentador limitar nossos objetivos políticos a provarmos que estamos “do lado certo da história” – mesmo que isso signifique perder. Nesse sentido, tenho a impressão que enquanto nas redes sociais e no meio universitário vencer debates se torna mais importante do que disputar o poder, a extrema-direita está interessada na disputa pelo poder e investe na sua ascensão.

"Vejo muito no facebook uma mina dizendo que é feminista, outra dizendo que é contra... Eu fico rindo das discussões que eu nem entendo" – Gabriel, 22 anos.

## **Os políticos e seus “seguidores”**

Outra questão comum à maioria dos pesquisados é sua dificuldade de se identificar com os políticos e, nas suas próprias palavras, “seus seguidores”. Passada toda a inquietação do clima de eleições, a descrença na política toma espaço nas conversas até mesmo entre quem apostou na candidatura de Bolsonaro. “Foi uma falsa ilusão de que ser radical iria mudar algo” foi uma das frases ouvidas. Outros desabaços discorrem sobre como “a política está completamente corrompida” e “não me sinto representado por nenhum candidato” e revelam a insatisfação e a falta de esperança dos pesquisados com o cenário atual.

“Política é perda de tempo, não vai mudar nada e pra mudar alguma coisa, precisa mudar todo o senado e seria uma conversa sem fundamentos pois só vejo lados negativos e não tem nada que eu possa fazer pra mudar isso” – Jack, 23, trabalha em estaleiro.

“Já me interessei por política, mas não hoje em dia. Não me interesso mais porque já não tenho esperança nela. No final é tudo política. Mas no Brasil deu essa merda toda porque o problema tá no brasileiro” – Herivelton, 22 anos.

As queixas a respeito dos “seguidores” de políticos, parecem apontar um possível impacto das redes sociais digitais sobre a imagem dos políticos profissionais. Eles agora parecem ser percebidos pelos pesquisados como híbridos de políticos e influenciadores digitais e avaliados não apenas pelas suas ações, mas sobretudo pelas ações dos seus seguidores e sua militância virtual. A multidirecionalidade da comunicação em rede torna a administração da impressão cada vez mais complexa e imprevisível para a classe política.

“Tem muita gente doida e fanática por aí. Eu acho que são pessoas que não têm opinião própria e acabam seguindo a multidão. Quando alguém faz muita propaganda de um político, estes fanáticos acabam levando isso pra si mesmos como se fosse um parente deles” – Suzane, 28 anos.

## Os “bolsominions”<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Termo pejorativo para identificar pessoas alinhadas aos ideais políticos de Bolsonaro, fazendo referência aos Minions, personagens de filme infantil cuja função é auxiliar vilões na execução de

De acordo com Esther Solano, colaboradora da pesquisa “Bolsonarismo em crise?” (2020), é possível categorizar os eleitores de Jair Bolsonaro, popularmente conhecidos pela parte da população que se opõe ao candidato e suas convicções como “bolsominions”, em três tipos: os fiéis, os críticos e os arrependidos.

Entre os eleitores fiéis e os eleitores críticos, ou seja, que reconhecem suas falhas enquanto liderança, mas acreditam que qualquer dificuldade de gestão seja consequência de entraves e não de incompetência, é possível identificar os apoiadores que compartilham com o presidente a conduta autoritária e carregada de incitação ao ódio, e os apoiadores que se mostram descrentes em relação à política.

“O governo é para ricos, para os empresários. Não estão nem aí para os menores. A gente enxerga isso em poucos meses desse governo” – Luan, 31 anos.

“Votei em Bolsonaro... Eu não votaria nele de novo porque já vi que têm muitos fanáticos dele por aí, e ele é um péssimo presidente sim... Ele é maluco, cara, gente doida que nem ele não deveria estar no poder... Acabei me ferrando, me sinto até mal às vezes, mas não votaria nele de novo não, de jeito nenhum” – Suzane, 28 anos.

Embora cause muita repercussão nas mídias e provoque diversas polêmicas, diferente do que é noticiado nas redes sociais e na mídia, o grupo de bolsonaristas que compactua com atos misóginos e racistas do presidente não parece corresponder à maioria dentre os eleitores de camada popular, ao menos até onde minhas observações permitem afirmar.

“Me identifico mais com a direita por ser mais rígida, mas não concordo com tudo que ela propõe” – Carina, 23 anos.

Elementos como a espetacularização dos casos de corrupção, o apelo massivo a supostos valores cristãos e o militarismo parecem colaborar muito para o apoio ao atual presidente que ainda perdura entre alguns segmentos.

“Sinceramente as coisas só vão piorar, eu não tenho uma visão ampla daqui pra frente não, mas as coisas só têm a piorar. Minha esperança é que Jesus volte logo” – Carina, 23 anos.

Ao que parece, o pessimismo com o cenário político brasileiro e a crença na ideia de que os órgãos do poder público não são imparciais e favorecem a corrupção e os “bandidos” incentiva na população a esperança em soluções mais imediatistas e práticas possíveis. Ao se apresentar como uma ruptura radical e uma mudança, Bolsonaro foi capaz de capturar a imaginação desses eleitores. A pergunta que persiste é se esse estado de coisas se manterá ou se será possível organizar uma reação adequada.

## **CONCLUSÃO**

Nos últimos anos tem sido inevitável refletir sobre política e os movimentos de luta por direitos e igualdade social. Diversos estudos recentes procuram compreender a emergência das “novas direitas” ou a polarização política na qual o país parece se encontrar. Pesquisadoras como a Rosana Pinheiro-Machado (2019) vêm se dedicando a observar o surgimento de uma juventude que experimentou a inclusão social enquanto continuava enfrentando os desafios da desigualdade e agora assume interesses políticos baseados na esperança de recuperar direitos que foram perdidos.

A educação é frequentemente vista como fundamental para a construção do caráter individual e coletivo. Ainda que existam atualmente divisões a respeito dos valores morais e políticos, o papel do ensino de qualidade na busca pela igualdade é unanimidade entre os brasileiros. Contudo, pesquisas como a do antropólogo Juliano Spyer (2018) mostram que a massificação do ensino ocorrida nas últimas décadas enfrenta dificuldades, sobretudo dada a distância cultural entre as instituições de ensino e os seus alunos.

Os currículos escolares, elaborados por pessoas de classe média, costumam supor uma realidade muito diferente daquela vivenciada pelos jovens de classe baixa. Dessa maneira, muitos não se sentem motivados e interessados em buscar na escola um veículo de aprendizagem e recorrem a espaços como a internet - ou a igreja - para se expressar e adquirir conhecimentos mais próximos das suas necessidades imediatas, ainda que não abandonem por completo a relação com as instituições de ensino. O distanciamento físico e a falta de redes dos jovens das

classes baixas com pessoas universitárias e de esquerda, por sua vez, fazem com que não compartilhem do mesmo repertório. Para além das consequências disso para a desigualdade, há uma consequência cultural e política.

Nessa pesquisa, considerando que os meus entrevistados conheciam meus posicionamentos políticos e sabiam que alguns inclusive conflitavam com os deles, foi preciso muito cuidado para não assumir o lugar de alguém que tenta impor ou ensinar os próprios ideais. Aprendi, sobretudo, que o trabalho do sociólogo é compreender, mas que isso não implica em justificar. Sou muito grata à sociologia por me trazer o conhecimento necessário para tentar entender a complexidade que atravessa as experiências e contextos de vida dentro dos quais surgiram as opiniões políticas que estudei nessa pesquisa.

Pude observar o quanto discursos que parecem completamente antagônicos aos meus muitas vezes têm mais nuances e pontos de contato do que eu inicialmente supunha. Também fui levada a refletir sobre como discursos que eu acreditava serem transparentes e autoexplicativos são extremamente codificados e de difícil entendimento para muitas pessoas.

Os últimos períodos eleitorais evidenciaram a importância das redes sociais como veículo de propagação de ideais políticos. Entretanto, a internet tem a limitação de gerar um tipo de interação que não ocorre em situação de co-presença, o que diminui a confiança e dificulta a troca de sentidos gerada através de expressões, gestos e movimentos corporais (GIDDENS, 2012). No meu entendimento, é fundamental que, nesse momento de incertezas, a esquerda e os movimentos progressistas adotem uma postura dialógica e didática e procurem se afastar da imagem distante e inalcançável que adquiriu ao longo dos anos. Caso o contrário, os retrocessos que virão poderão trazer consequências ainda mais dramáticas para as desigualdades e as injustiças sociais.

## REFERÊNCIAS

BETIM, Felipe. “O problema da esquerda não é a pauta dita identitária, mas sim a lacração”. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/20/politica/1553037448\\_213932.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/20/politica/1553037448_213932.html) /Acesso em: 04 de julho de 2019.

- BOTELHO, André (org.) *Sociologia: Essencial*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 191 – 221.
- BOURDIEU, Pierre. 1983. “A Opinião Pública não existe”. In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, p. 173-182.
- DATAFOLHA. Sobe reprovação a governo Bolsonaro. Disponível em: <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2019/09/1988394-sobe-reprovacao-a-governo-bolsonaro.shtml#/> Acesso em 10 de outubro de 2019.
- DURKHEIM, Émile. 2018. “Regras relativas à observação dos fatos sociais”. In: FOUCAULT, Michel. 2005. *Vigiar e Punir*. 30ª ed. Petrópolis: Vozes.
- GIDDENS, Anthony. 2012. *Sociologia*. 6ª edição. Porto Alegre: Penso.
- HAN, Byung-Chul. 2018. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Veneza: Editora Âyiné.
- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Brasil em síntese. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/mage/panorama/> Acesso em: 04 de julho de 2019.
- INZUNZA, Alejandra. 2017. “A baixada fluminense é invisível”. *Pública*. Disponível em: <https://apublica.org/2017/09/a-baixada-fluminense-e-invisivel/>. 06/07/2017. Acesso em 30/07/2020.
- KELLNER, Douglas. 2001. *A cultura da mídia. Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. São Paulo: EDUSC.
- LAHIRE, Bernard. 2014. “Viver e interpretar o mundo social: para que serve a sociologia?”. In: *Revista de Ciências Sociais*. Fortaleza, v. 4, n. 1. p. 45-61.
- LEMGRUBER, Julita. CANO, Ignacio. MUSUMECI, Leonarda. 2017. *Olho por olho? O que pensam os cariocas sobre “bandido bom é bandido morto*. Rio de Janeiro: CESeC.
- NAGLE, Angela. 2017. *Kill All Normies: Online Culture Wars From 4Chan And Tumblr To Trump And The Alt-Right*. Londres, John Hunt Publishing.
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana; MURY, Lucia. *Da esperança ao ódio: pobreza e política do lulismo ao bolsonarismo*. Disponível em: <https://player.fm/series/anticast-22075/anticast-385-da-esperanca-ao-odio/> Acesso em: 03 de julho de 2019.
- ROCHA, Camila. SOLANO, Esther. 2020. *Bolsonarismo em crise?* São Paulo: FES-Brasil.
- ROQUE, Tatiana. 2020. “Política é para o poder: chega de política como

passatempo, diz o livro de Eitan Hersh“. *Política, Ciência e Filosofia*. Disponível em: [https://open.spotify.com/episode/4Jy1QwG5CzVnMOuVBzacaw?si=gN70QDr\\_Sb-wf\\_F000-iw](https://open.spotify.com/episode/4Jy1QwG5CzVnMOuVBzacaw?si=gN70QDr_Sb-wf_F000-iw). 07/08/2020. Acesso em: 08/08/2020.

SCHUTZ, Alfred. 1979. *Fenomenologia e Relações Sociais*. Rio de Janeiro: Zahar.

SPYER, Juliano. 2018. *Igrejas evangélicas e a Internet cumprem a função de escola no Brasil popular*. 17/08/2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/16/opinion/1534386391\\_575448.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/16/opinion/1534386391_575448.html)/Acesso em: 04 de julho de 2019.

THOMPSON, John. 1998. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Editora Vozes.

TOLENTINO, Jia. 2019. *Trick Mirror: Reflections on Self-Delusion*. Londres: 4th Estate.